

## Berlim vê o Brasil

Mostra de vídeos e filmes nacionais aconteceu entre 15 e 25 de janeiro

Paula Morgado\*, em Berlim

A importância da contribuição alemã para a Antropologia no Brasil é incontestável. Nasce com as primeiras missões empreendidas pelos viajantes no século XVI e tem prosseguimento com os exploradores do século XIX, que lançam as bases da etnologia brasileira. Esta irá se consolidar na década de 30, em grande medida, graças a jovens cientistas alemães recém chegados ao Brasil, a muitos dos quais devemos valiosas monografias sobre as populações indígenas. A presença alemã no Brasil continuará a marcar de forma importante todo o século XX, porém não mais através de grandes missões antropológicas, mas a partir de iniciativas individuais. Fotógrafos, artistas plásticos, cineastas, médicos e outros profissionais se destacarão no registro da realidade brasileira, seja social ou estética, enriquecendo muitos dos estudos antropológicos.

Entre os dias 15 e 25 de janeiro deste ano, realizou-se na Alemanha, no Museu de Antropologia de Berlim, a primeira mostra de documentários sobre a cultura brasileira, vista a partir de um prisma antropológico. Este trabalho partiu de uma iniciativa do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) do Departamento de Antropologia da USP e do Instituto Cultural Brasileiro (ICBRA) de Berlim. O objetivo foi mostrar o quê e como os antropólogos brasileiros vêm refletindo com o auxílio de câmaras de vídeo, de que modo demais documentaristas se aproximam da Antropologia e como olhares alemães e brasileiros se cruzam nesta intersecção.

Tocando em temas emblemáticos como futebol, candomblé, índios, marginalidade, menores de rua e outros, antropólogos, *videomakers* e cineastas exibiram nas telas um Brasil plural. Foram selecionadas 31 obras, a grande maioria composta por vídeos realizados por antropólogos, ou com forte influência de preocupações antropológicas. Além da exploração de aspectos da cultura brasileira, alguns vídeos tematizaram a presença alemã no Brasil, ou alemães que foram tocados pelo Brasil e nele deixaram um legado cultural, ou pelo menos imagético, importante, como o cientista Schultz Kamphenkel, o missionário Adalbert Heide e o fotógrafo Heinz Foerthman.

De temática indígena, foram exibidos os trabalhos dos antropólogos Regina Muller (*Saforai*), Virgínia Valadão (*Yakwa, O banquete dos espíritos*), Dominique Gallois e Vincent Carelli (*Placa não fala e O espírito da TV*), do documentarista Aurélio Michiles (*Brasil grande e Os índios gigantes*), do índio Waiãpi Karisipinã (*Jane Moraita*), entre outros. O campo afro-brasileiro foi representado pelo documentário *O fio da memória*, do cineasta Eduardo Coutinho e por trabalhos dos antropólogos Andreas Hofbauer (*Somos filhos de orixás*) e Carmem Opipari e Sylvie Timbert (*Bárbara e seus amigos*). As questões urbanas também são temas de alguns vídeos selecionados, como os de Kiko Goifman (*Tereza e Clones, bárbaros e replicantes*) e de Evelyn Schuler, Iracema Nascimento, Rita Bastos e Júlio Wainer (*Pedras no meio do caminho*). *Terra da lua*, das *videomakers* Claudia Mesquita, Anna Karina e Tania Caliani, e *Os mukers*, dos cineastas Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, são alguns dos trabalhos apresentados que enfocam a vida rural.

É possível falarmos de uma Antropologia do olhar, independente das culturas de origem daqueles que a produzem? Que Antropologia é esta que vem se configurando, com a apropriação de campos outrora marginais ou distintos, como o cinema e o vídeo? Procurando responder a estas questões, a mostra promoveu o debate entre antropólogos, documentaristas e curadores de

festivais de filmes etnográficos. Entre os temas debatidos: o significado da documentação do mundo contemporâneo com o auxílio de imagens; os limites entre os filmes chamados etnográficos e documentários; as fronteiras entre ficção e realidade. Temas antigos e caros às Ciências Humanas, retomados pela “Antropologia visual” ou “Antropologia da imagem”.

A mostra em Berlim nos mostrou que a busca pela interdisciplinaridade nas artes e nas ciências não é mais uma meta a ser perseguida mas uma realidade. Progressivamente, os profissionais engajados nesta tarefa percebem que estão diante de um poderoso veículo de expressão e de entendimento do mundo. Como resultado, cresce o número de antropólogos-cineastas, antropólogos-fotógrafos e vice-versa. Ao assistirmos hoje os chamados “filmes etnográficos”, seja em pequenos fóruns de debate, salas de aula, seminários, telas de TVs, mostras ou festivais, estamos assistindo “ao vivo” esta relação dialógica que se dá entre o visual e o escrito, a arte e a ciência, pares que não se opõem mas ao contrário se complementam. Quando o antropólogo experimenta, de fato, esta simbiose, podemos ter a certeza de que estamos diante de um bom filme, achando que vale a pena continuar a falar, escrever e organizar mostras que discutam a relação entre Antropologia e imagem.

\*Paula Morgado é mestre em Antropologia pela FFLCH-USP.